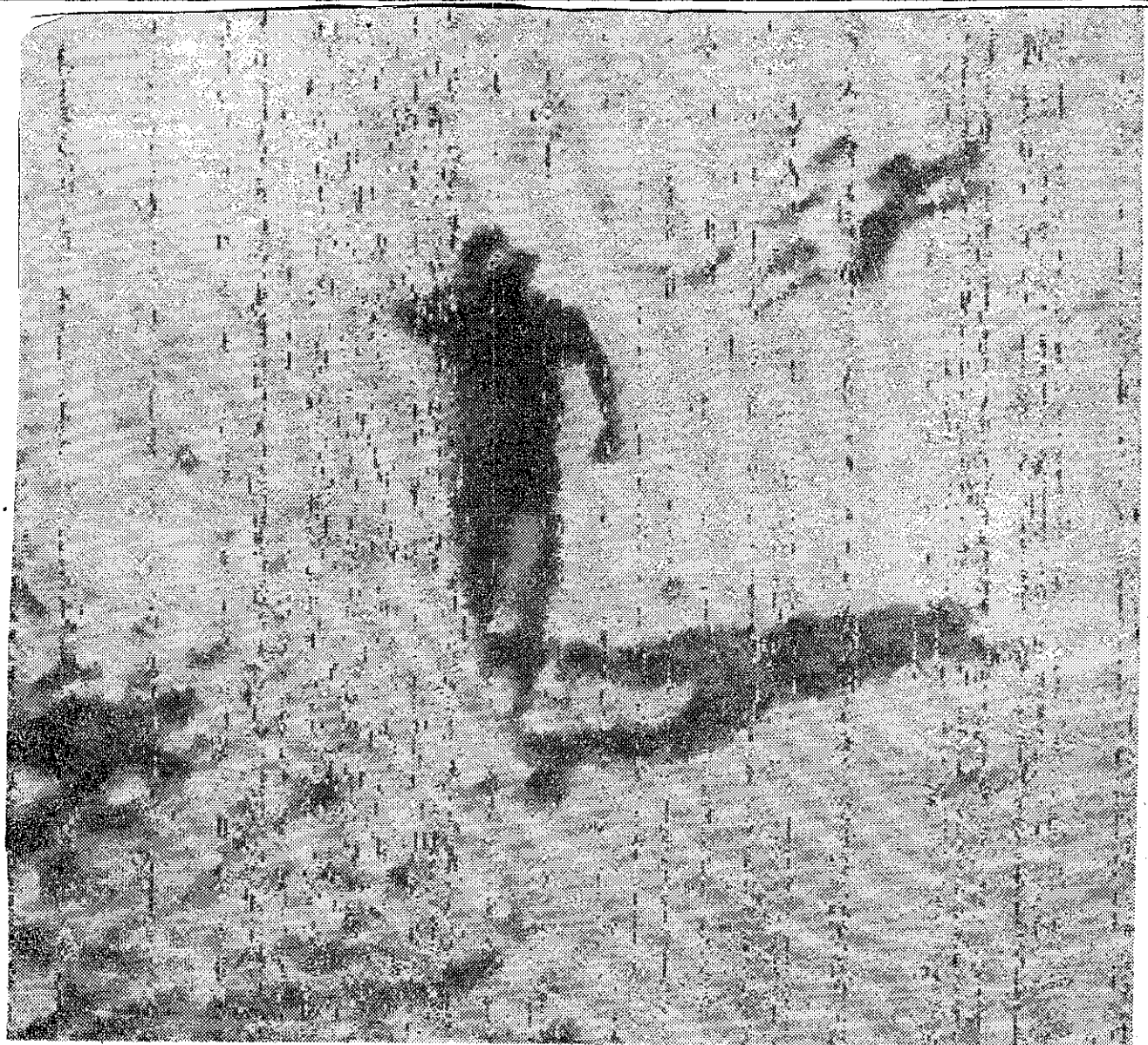


Instituto Socioambiental

fonte: ① Estado de São Paulo class.: 33

data: 27/05/1972 pg.: _____



Radiofoto Reginaldo Manente

As crianças correram para apanhar os presentes jogados de avião, mas os adultos só olharam

Tiros atrasam a pacificação

Luis Salgado Ribeiro
Enviado especial

Aureliano Bispo de Oliveira reagiu a tiros ao ser flechado quarta-feira pelos índios kranhacacores, a apenas dois quilômetros do local onde está acampada a expedição da Funai que tenta a pacificação da tribo. Não se sabe se algum índio foi atingido nem se o ataque dos "gigantes" foi uma simples advertência ou uma ação de hostilidade deliberada. Presume-se apenas que o incidente poderá alterar os planos da expedição.

Tudo o que se sabe a respeito é o seguinte: Aureliano e mais três trabalhadores do grupo de topografia do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção estavam fazendo levantamento topográfico a 700 metros do rio Peixoto de Azevedo, quando foram surpreendidos por um grupo de aproximadamente 15 índios, que dispararam várias flechas contra eles. Aureliano foi atingido nas pernas e na coxa. Caiu, conseguiu levantar-se, disparou sua espingarda calibre 22 na direção do local de onde vinham as flechas e ainda pôde correr, perseguido pelos índios.

O sertanista Orlando Villasboas acredita que o fato de terem sido disparadas várias flechas e uma delas ter atingido a coxa do trabalhador deve representar somente um ato de advertência porque os 15 índios poderiam facilmente ter liquidado os quatro trabalhadores. Porém, as poucas informações procedentes do acampamento de Peixoto de Azevedo, por causa de uma pane da estação de rádio, não permitiram que o sertanista avaliasse melhor a situação.

Orlando Villasboas informou que os integrantes da expedição estão concentrados no acampamento, onde há perfeitas condi-

ções de segurança e que o trabalhador flechado está fora de perigo, aguardando o helicóptero que o transportará hoje para a base aérea de Cachimbu.

O sertanista acredita que o ataque foi provocado pelos índios que habitam a aldeia pequena, a aproximadamente três quilômetros do traçado por onde passará a rodovia Cuiabá-Santarém. Essa aldeia, segundo observações feitas com base em fotografias, foi abandonada pelos índios que, provisoriamente, devem estar acampados na mata. Orlando acredita, porém, que os índios voltarão à aldeia pois têm lá quatro casas, dois ranchos e algumas roças. "Eles foram para a mata por medida de segurança — diz Orlando — que determinou o lançamento de presentes na área onde presume estejam os "gigantes".

Na aldeia grande, os Kranhacacores estavam aparentemente tranquilos, quando o pequeno avião da FAB jogou panelas, bolas, bonecas e brinquedos sobre eles. As crianças da tribo correram para apanhar os brinquedos e chegaram até a acenar para o avião. Os adultos ficaram parados, serios — e alguns dispararam suas flechas. Todos estavam com os corpos pintados com genipapo, segundo os rituais de guerra. (Ver página 10).

Tiros contra os gigantes. Isso destrói os planos de paz?

Os trabalhadores atacados pelos Kranhacacores deram alguns tiros na direção dos índios. Por isso, os irmãos Villasboas acham que, a partir de agora, a aproximação deve ser feita com cuidado, para evitar um clima de tensão na área.

Uma lei e definição para os índios

O deputado Célio Borja quer discutir com antropólogos paulistas e cariocas um novo Estatuto do Índio.

O deputado Célio Borja, relator do projeto do Estatuto do Índio, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, quer se encontrar com antropólogos do Rio e de São Paulo. Seus objetivos: colher subsídios e trocar idéias para a elaboração definitiva do Estatuto que, desde a sua apresentação ao Congresso, já sofreu algumas modificações substanciais, recebendo por isso muitas críticas.

Uma delas: a inexistência de um item que trate da "conservação das culturas nativas, de sua cultura e integração harmoniosa na comunhão nacional". A definição de índio que consta do projeto original também provoca discussões.

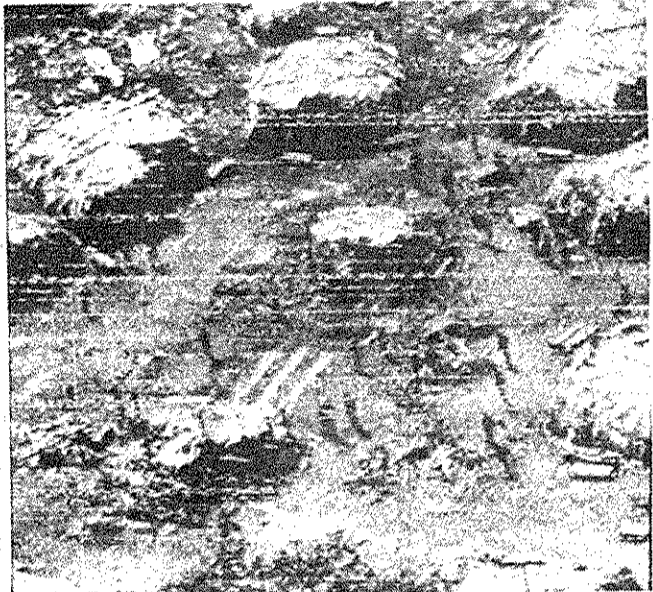
Os antropólogos entendem que a atual definição sofre uma grande influência jurídica. E propõem uma nova:

Índios — é todo indivíduo de ascendência pré-colombiana, autóctone, cujo modo de agir e proceder manifesta características culturais que o distingue da comunidade nacional.

Antes de se encontrar com os antropólogos paulistas e cariocas, o deputado Célio Borja discutiu, com os membros da Comissão de Constituição e Justiça, os primeiros 17 artigos do projeto original. Agora, já com uma opinião formada sobre o assunto, os parlamentares esperam os subsídios dos antropólogos para a discussão final e aprovação do Estatuto.

As primeiras discussões sobre o Estatuto do Índio datam de 1.970, quando José Queiroz Campos era o presidente da FUNAI. Naquela época, o Presidente da República enviou ao Congresso Nacional o projeto nº 2.328, de autoria do jurista Temístocles Cavalcanti. Ai começaram os protestos: até antropólogos norte-americanos condenaram o projeto, acusando-o de conter falhas nos aspectos humanos e culturais.

Finalmente, a Câmara resolveu oficializar ao Ministro do Interior, Costa Cavalcanti, pedindo-lhe um parecer sobre o primeiro projeto. O parecer já chegou: com ele, novas e atualizadas emendas da FUNAI, que agora podem conduzir à aprovação do projeto.



O avião sobrevoa a aldeia



Os presentes: uma reação tranquila.



Apesar do incidente os kranhacacores reagiram bem à primeira tentativa de aproximação do branco: receberam com tranquilidade e poucas flechas um avião da FAB, que sobrevoou sua aldeia, jogando presentes. A paz já existe para as crianças, que aceitaram com alegria as bolas e outros brinquedos vindos do céu.

lhadores poderiam voltar à margem direita do rio Peixoto de Azevedo para concluir os serviços interrompidos depois do ataque de anteontem.

NOVOS PLANOS?

O ataque aos trabalhadores do 9º BEC não alterou muito o plano de pacificação dos Kranhacacores. Ontem, por exemplo, os índios da aldeia grande tiveram uma reação considerada tranquila, quando um avião da FAB lançou sobre a aldeia dezenas de presentes. Enquanto as crianças — como qualquer criança civilizada — corriam em direção às bolas, bonecas e outros brinquedos, os adultos apenas observavam: alguns atiraram flechas contra o avião, mas a maioria ficou calma.

Orlando Villasboas, quando viu as fotos colhidas pelo tenente Luciano, o piloto do avião da FAB, ficou otimista:

— Tenho certeza de que nos próximos lançamentos todos eles vão receber muito bem os presentes e ninguém vai atirar flechas contra o avião.

A observação das fotografias feitas sobre a aldeia grande revelam também que os Kranhacacore estavam pintados de geripapo: a primeira vista, pareciam negros. Quanto à sua altura, não há dúvida: eles são grandes mesmo.

As fotos da aldeia pequena, contudo, pouca coisa revelam: as quatro casas e dois ranchos parecem abandonados. E nas roças próximas não foi fotografado nenhum índio, o que levou os observadores a concluir que a aldeia tinha sido abandonada. Talvez, logo depois do incidente com os trabalhadores do 9º BEC. Mas Orlando Villasboas não acredita que a aldeia tenha sido definitivamente abandonada:

— Esses índios já perceberam que estamos muito perto deles e por medida de segurança devem ter deixado a aldeia, acampando nas matas. O abandono não deve ser definitivo porque os Kranhacacores têm muitas plantações em volta da aldeia: cedo ou tarde eles voltarão para a colheita.

SOCORRO DIFÍCIL

Até às 16 horas de ontem, o comandante do 9º Batalhão de Engenharia e Construção, coronel José Meirelles, ainda não sabia quando poderia embarcar para o local onde Aureliano Bispo foi ferido pelos Kranhacacores. Motivo: o helicóptero da FAB, que se deslocou de Florianópolis para transportar o trabalhador (e depois ficar à disposição do 9º BEC), chegou a Cuiabá debaixo de fortes chuvas. Como o aparelho não tem grande autonomia de voo, o coronel e a equipe médica esperam o tempo melhorar para decolarem em direção ao rio Peixoto de Azevedo.

A operação resgate será assim: o helicóptero pousará numa clareira já aberta pelos homens da expedição, enquanto um avião Albatroz, também da FAB, sobrevoará o local, dando apoio à operação. Se o trabalhador tiver condições, será operado no próprio acampamento (acredita-se que seu estado de saúde é bom). Caso contrário, será levado para Cuiabá, onde os médicos terão melhores condições de tratá-lo.

Depois da operação, os dois aparelhos da FAB voltarão a Cuiabá: o helicóptero passará rapidamente pela base de Cachimbo, onde o coronel José Meirelles entregará provisões ao pessoal do 9º BEC. Só existe um problema: o helicóptero, muito leve, pode não conseguir levar todos os mantimentos que os oficiais e trabalhadores estacionados em Cachimbo precisam.



Cláudio Villasboas: a pacificação não vai mudar.

A reação de um trabalhador do 9º Batalhão de Engenharia e Construção, que reagiu a tiros ao ser atacado pelos Kranhacacores, os índios gigantes da Amazônia, poderá alterar novamente os planos de pacificação desta tribo, que habita a margem direita do rio Peixoto de Azevedo (região que será cortada pela BR-165, a estrada ligando Cuiabá a Santarém). Esta é a conclusão dos principais indigenistas que atuam na região, entre eles, os irmãos Villasboas. Agora, enquanto Aureliano Bispo de Oliveira, o trabalhador que levou duas flechadas (na perna e nas costas) espera um helicóptero para socorrê-lo, há medo e dúvida na região: o incidente vai criar um clima de tensão entre índios e brancos, capaz de mudar os planos de pacificação e atrasar a construção da estrada?

Uma pane na estação de rádio do Exército, na Base do Cachimbo, continuava impedindo até ontem que Orlando Villasboas entrasse em contato com seu irmão Cláudio às margens do rio Peixoto de Azevedo para receber maiores informações sobre o incidente e avaliar a gravidade da situação. Entretanto, mesmo sem maiores informações, Villasboas tem experiência de situações semelhantes:

— O fato de terem sido disparadas várias flechas e de apenas duas delas terem atingido as costas e a perna do trabalhador deve caracterizar uma ação de advertência, não um ato de guerra. Se fosse realmente para valer, os índios (um grupo de 15) poderiam ter liquidado facilmente o Aureliano e seus companheiros.

Não se sabe ao certo quantos tiros o trabalhador disparou, nem se algum deles atingiu os índios; também não se conhece o número de flechas disparadas pelos Kranhacacores. Segundo as testemunhas, o ataque ocorreu assim: Aureliano e mais três companheiros estavam fazendo um levantamento topográfico a 700 metros de distância do rio Peixoto de Azevedo, quando foram surpreendidos pelo grupo de índios. Ai, eles dispararam as flechas: Aureliano, mesmo atingido na perna e nas costas, conseguiu acionar sua espingarda calibre 22 na direção dos atacantes. Depois, levantou-se e correu, sempre com os índios atrás, até o acampamento.

Numa rápida comunicação, Cláudio Villasboas contou que, apesar do incidente, há um clima de calma entre os trabalhadores e os índios da expedição: todos estão concentrados no acampamento, onde há boas condições de segurança.

Apesar da falta de informações dos indigenistas, tem-se como certo que o ataque foi realizado por índios de aldeia pequena, que fica a aproximadamente três quilômetros do traçado da estrada. Confirmando-se esta hipótese — concluem os especialistas — os índios Kranhacacores que habitam a aldeia grande, localizada a cerca de 40 quilômetros da rota da BR-165, não são os culpados. Talvez não tenham nem conhecimento do incidente.

Ainda assim, Orlando Villasboas acha aconselhável abandonar imediatamente os serviços de topografia e abertura do caminho de serviço na margem direita do rio e transferir todo o pessoal da expedição e do 9º BEC para a outra margem, onde os trabalhos poderão ser realizados com mais segurança.

Feita a mudança, a expedição tentaria entrar em contato com os Kranhacacores da aldeia grande e, através deles, conseguir a pacificação dos habitantes da aldeia pequena. Depois disso, os traba-